



BOLETIM DE COMÉRCIO
EXTERIOR DA BAHIA
AGOSTO 2021

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Agosto 2021, 3

Importações, 7

Apêndice A – Agosto 2021

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Balança - Brasil X Bahia
- Tabela IV - Participação do comércio exterior da Bahia no comércio brasileiro
- Tabela V - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela VI - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela VII - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela IX - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela X - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela XII - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XIII - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XIV - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XV - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XVI - Importações nordestinas por Estado
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVIII - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XIX - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XX - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de janeiro a agosto de 2019

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela IV - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela V - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VI - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela VII - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela IX - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela X - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XII - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XIII - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XIV - Importações nordestinas por estado
- Tabela XV - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVI - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XVIII - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos



Governo do Estado da Bahia
Rui Costa

Secretaria do Planejamento
João Felipe de Souza Leão

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
Jorgete Oliveira Gomes da Costa

Diretoria de Indicadores e Estatística
Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural
Arthur Souza Cruz Junior

Coordenação Editorial
Arthur Souza Cruz Junior

Elaboração Técnica
Arthur Souza Cruz Junior
Geraldo de Alencar Serra Neto (Coest)

Coordenação de Biblioteca e Documentação Normalização
Eliana Marta Gomes Silva Sousa

Coordenação de Produção Editorial Editoria Geral
Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Editoria de Arte e de Estilo
Ludmila Nagamatsu

Revisão
Alcione Zanca

Editoração
Julio Cesar Fonseca

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Agosto 2021

No melhor agosto desde 2017, as exportações baianas registraram US\$ 870,7 milhões, valor 69,5% superior ao registrado em igual mês de 2020. O bom desempenho do último mês continuou a ser puxado pelos preços, que tiveram alta média de 47% frente a agosto do ano passado, contra um aumento de 15,3% no volume embarcado. As informações foram analisadas pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), autarquia vinculada à Secretaria de Planejamento (Seplan).

No acumulado do ano, as exportações baianas alcançaram US\$ 6,24 bilhões, o que representou um crescimento de 25,8% comparado a igual período do ano anterior. As taxas de crescimento das vendas externas têm sido expressivas, ajudadas por bases baixas de comparação, mas também pela elevação dos preços de commodities, que devem ter uma inflexão a partir de setembro, já que o cenário mundial vem mudando.

Ainda assim, o setor externo da economia baiana tem sido uma das principais fontes de dinamismo para o crescimento recente da economia, gerando oportunidades de negócios para as empresas, com efeitos domésticos positivos na geração de riqueza e renda.

Em agosto, todos os segmentos importantes da pauta de exportações baianas tiveram crescimento frente ao mesmo mês de 2020, com destaque para a soja e seus derivados – setor líder da pauta, com US\$ 321,4 milhões em vendas e crescimento de 76,5%. No ano, os embarques do setor chegam a 3,5 milhões de toneladas, 13,8% acima do mesmo período do ano passado, enquanto as receitas de US\$ 1,58 bilhão acusam incremento de 55,2% ou o equivalente a ¼ do total das exportações baianas.

A indústria extrativa e de transformação também teve bom desempenho no mês de agosto, com vendas de US\$ 428,7 milhões e crescimento de 68,1%. Destacaram-se as exportações de produtos metalúrgicos (110,8%); químicos (69,7%); derivados de petróleo (46,1%) e papel e celulose (39,2%).

As importações continuaram recuperando o terreno perdido em 2020, fortalecidas pela retomada da atividade econômica. Alcançaram US\$ 621,8 milhões em agosto, o que representa uma alta de 102,3% frente a igual mês do ano anterior. No ano, as compras externas baianas atingem US\$ 4,84 bilhões, com crescimento de 56,7% sobre o mesmo período de 2020.

No caso das importações, o resultado é influenciado principalmente por um aumento nas quantidades compradas. Houve avanço de 101,3% no volume desembarcado no mês e de 59,6% no acumulado do ano.

Mesmo com o aumento nas compras de bens intermediários (insumos e matérias primas) em 81,8% no mês, a alta foi puxada mais uma vez pelos combustíveis (363,6%), principalmente GNL (gás natural liquefeito) com 100% e Nafta para petroquímica (79,6%). Nos bens intermediários, destacaram-se as compras de minério de cobre com aumento de 1.573%; trigo (20%); fertilizantes (72,8%); cacau em grão (100%) e óleo de palmiste (38,5%).

Com o resultado de agosto, a balança comercial da Bahia acumula um superávit de US\$ 1,4 bilhão em 2021, contra um saldo maior (US\$ 1,87 bilhão) registrado em igual período do ano passado. As exportações somam US\$ 6,24 bilhões com alta de 25,8% e as importações, US\$ 4,84 bilhões com incremento de 56,7%. A corrente de comércio atingiu US\$ 11,1 bilhões com crescimento de 37,6%.

Tabela 1 – Balança comercial Bahia – Jan.-ago. 2020/2021

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2020	2021	Var. %
Exportações	4.957.476	6.235.182	25,77
Importações	3.086.360	4.837.153	56,73
Saldo	1.871.116	1.398.030	-25,28
Corrente de comércio	8.043.836	11.072.335	37,65

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/09/2021.

Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) atualizou suas projeções na edição de julho do relatório *World Economic Outlook*, publicado dia 27. O crescimento da economia global, no entanto, não sofreu alterações na estimativa de alta de 6% para 2021, mas subiu para 4,9% em 2022 (+0,5 p.p.). O órgão ressalta, contudo, que houve movimentações significativas entre os países que compõem o estudo. O Brasil é um dos exemplos de melhora acima da média e que puxa, ao lado do México, a elevação de projeção da região da América Latina e Caribe.

Economias avançadas, como a norte-americana, receberam um pequeno impulso de 0,5 ponto percentual nesta revisão, em virtude do avanço da vacinação contra a covid-19 e de estímulos fiscais que ainda agem sobre a recuperação do baque pandêmico.

Principal motor do bloco, os Estados Unidos, sozinhos, tiveram aumento de 0,6 p.p., chegando a uma expectativa de avanço de 7% em 2021. Em 2022, a arrancada deve continuar. Com aumento de 1,4 ponto contra a projeção de abril, o país deve crescer mais 4,9% no próximo ano.

O FMI ressalta, no relatório de julho, que o acesso às vacinas foi o grande diferencial entre as economias desenvolvidas e emergentes, enquanto as maiores economias passam a se beneficiar da imunização ainda em 2021, as mais vulneráveis sentem o atraso do fim da pandemia. Os mercados emergentes, em média, tiveram revisão para baixo do PIB.

Quem puxa a piora é a Índia, que teve reduzida em 3 pontos percentuais a sua projeção. O país teve forte queda de 7,3% em 2020 e deve registrar recuperação para uma alta de 9,5% em 2021.

A região de Emergentes Asiáticos ainda deve ter alta de 7,5% em 2021, mas perdeu 1,1 ponto percentual em relação ao relatório de abril. A China também teve leve revisão para baixo, de 0,3 p.p. A alta esperada é de 8,1% neste ano.

O FMI novamente levanta como condicionante para uma recuperação econômica global o controle da pandemia da covid-19. O fundo listou quatro principais riscos: as variantes do coronavírus, os choques pós-pandêmicos, os desajustes de oferta e demanda e a pressão inflacionária.

Não é de hoje que o FMI vem alertando para a influência da vacinação contra o novo coronavírus na recuperação da economia global. A revisão anunciada das projeções do Fundo comprova a relação. Como dito, a previsão do crescimento global deste ano continuou em 6%, como havia sido estimado em abril, mas houve uma mudança na composição da taxa. Enquanto o crescimento esperado para as economias avançadas aumentou meio ponto, para 5,6%, o projetado para os mercados emergentes foi cortado em 0,4 ponto para 6,3%. Não por mera coincidência, as economias avançadas estão

com 40% da população totalmente vacinada, segundo dados do dia 19 de agosto trabalhados pelo FMI. Já os países emergentes estão com 10%; e os de baixa renda, com menos ainda, 1%.

Já a recuperação econômica da China, que segue uma trajetória em “V” desde a pandemia da covid-19, está desacelerando. É um alerta para o resto do mundo sobre o tempo de duração dos movimentos de retomada da atividade. A mudança de perspectiva ficou evidente quando o Banco do Povo da China (PBoC), o banco central chinês, reduziu o percentual de dinheiro que a maioria das instituições financeiras precisa ter em reserva como medida para aumentar a oferta de empréstimos. Ainda que a instituição tenha negado que a decisão seja um novo estímulo, o tamanho do corte na taxa do depósito compulsório para a maioria dos bancos, de 0,5 ponto percentual, causou surpresa. Indicadores econômicos mostraram uma desaceleração do crescimento econômico no segundo trimestre para 8%, de um recorde de 18,3% no trimestre anterior.

Com esse cenário, a recuperação do comércio mundial se mantém forte, mas seu ritmo poderá ser diminuído por interrupções na cadeia de abastecimento, como a escassez de semicondutores que recentemente tem dificultado a produção de veículos, conforme aponta a Organização Mundial do Comércio (OMC). O resultado do barômetro da entidade em julho é de 110,4 pontos, numa alta de mais de 20 pontos em relação a 2020, “refletindo a força da recuperação em curso e a profundidade do choque induzido pela pandemia no ano passado”. No entanto, a OMC nota que os dados sugerem que a recuperação das exportações e importações pode estar diminuindo, pois o índice do barômetro começou a subir a uma taxa decrescente. Em todo o caso, segundo a OMC, os resultados são consistentes com a mais recente previsão da entidade de crescimento de 8% no volume de comércio mundial de mercadorias em 2021.

Devido a esses percalços, a recuperação global enfrenta turbulências que podem tornar o cenário externo bem menos favorável ao Brasil nos próximos meses. O terceiro trimestre deve apresentar uma desaceleração moderada nos dois principais motores atuais da economia mundial, Estados Unidos e China, devido à presença de um fator comum: a rápida disseminação da variante delta da covid-19. A perda de ritmo, no entanto, tende a não provocar o mesmo efeito sobre

a inflação, em alta nos Estados Unidos e nos países emergentes, pois vem acompanhada de problemas nas cadeias globais de suprimentos. A combinação de distúrbios nas cadeias de produção com os movimentos da variante delta produz efeitos incertos para a expansão de comércio.

Em agosto, os preços médios dos produtos exportados pela Bahia ficaram 47% acima de agosto de 2020, e superior em 12,7% ao mês imediatamente anterior, vivenciando alguma melhora de preços, principalmente de minerais, químicos, metalúrgicos e derivados de petróleo. A percepção atual é de que a queda de preços de commodities no ano em curso, não em relação ao ano passado, só deva fazer mais diferença na balança comercial do ano que vem.

Mesmo com o provável influxo, no atual momento há uma mudança de degrau das cotações – que não vão ficar no nível atual para sempre, mas dificilmente retornarão aos patamares de anos atrás no curto prazo.

As exportações do agronegócio bateram recorde no ano em agosto, quando atingiram US\$ 504,7 milhões, o equivalente a embarques de 943,5 mil toneladas. No acumulado até agosto, atingiram US\$ 3,04 bilhões, com crescimento de 28,3% frente a igual período de 2020, e representaram 48,9% do total exportado pela Bahia no período. A soja e seus derivados continuam na liderança da pauta com 25,3% do total exportado pelo estado no período. Os embarques, que eram menores até o mês passado, quando comparados ao mesmo período de

2020, passaram em agosto a exibir crescimento de 13,8% na mesma base de comparação. A elevação do preço médio de exportação da oleaginosa baiana chegou em 36,4%, comparado a preços praticados no mesmo período do ano passado.

O setor, cuja colheita está concluída, teve sua estimativa mantida pelo IBGE em 6,8 milhões t – a maior da série histórica do levantamento –, o que corresponde a uma alta de 12,6% em relação a 2020. A área plantada com a oleaginosa somou 1,7 milhão ha, que supera em 4,9% a de 2020, e o rendimento médio esperado da lavoura ficou em 4,0 t/ha.

Apesar da alta consistente nos preços dos produtos agropecuários nos últimos meses, ainda não são suficientes para caracterizar a formação de um novo superciclo das commodities. Mas, como as cotações apontam para uma mudança de patamar em relação ao período pré-pandemia, é preciso que o governo adote ações necessárias para transformar o “boom” do setor em prosperidade econômica para o país. O Brasil precisa fazer o dever de casa e aproveitar a alta de preços das commodities para alavancar o crescimento econômico em geral. Se não fizermos nada para destravar o péssimo ambiente de negócios e a carência de investimentos em infraestrutura, esse boom de commodities não se traduzirá em prosperidade mais ampla no país.

Os problemas nas cadeias de suprimentos que vêm prejudicando a produção industrial em todo o mundo não devem desaparecer tão cedo. Alguns dos portos

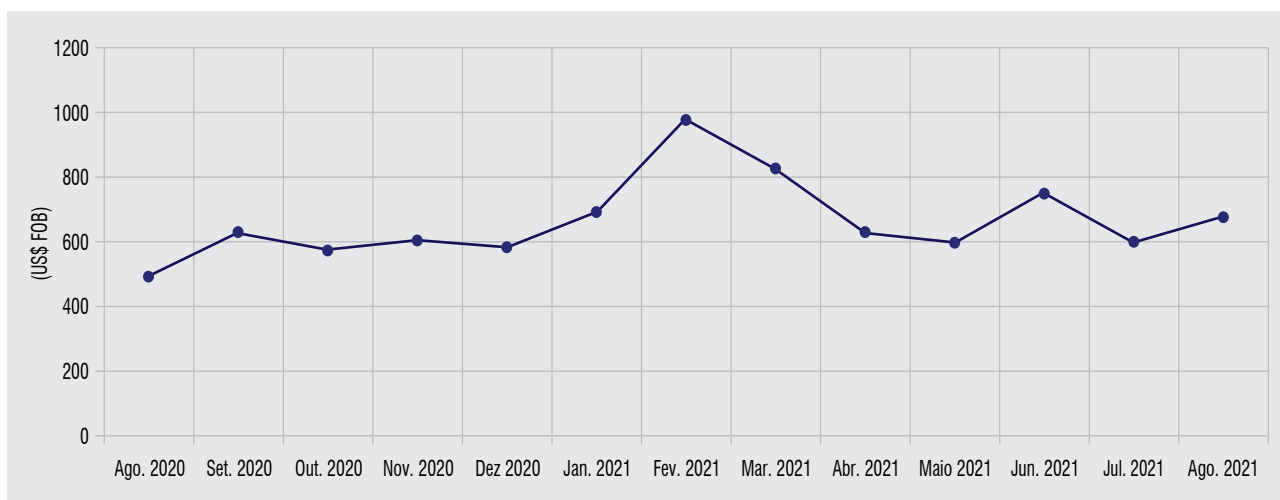


Gráfico 1 – Evolução dos preços médios de exportação – Bahia – Ago. 2020-2021

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 12/09/2021.
Elaboração: SEI.

**Tabela 2 – Exportações baianas
Principais segmentos – Jan.-ago. 2020/2021**

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2020	2021			
Soja e Derivados	1.017.674	1.578.961	55,15	25,32	36,40
Petróleo e Derivados	855.703	829.018	-3,12	13,30	65,66
Químicos e Petroquímicos	531.138	752.771	41,73	12,07	59,53
Papel e Celulose	684.786	662.839	-8,01	10,63	-0,36
Metalúrgicos	353.434	444.789	25,85	7,13	72,84
Minerais	161.838	399.897	147,10	6,41	43,26
Metais Preciosos	314.386	347.961	10,68	5,58	-53,19
Algodão e Seus Subprodutos	225.291	327.044	45,16	5,25	9,58
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	205.025	168.858	-17,64	2,71	2,00
Cacau e Derivados	126.914	150.712	18,75	2,42	1,19
Café e Especiarias	83.601	118.195	41,38	1,90	-3,95
Borracha e Suas Obras	63.896	103.257	61,60	1,66	-5,21
Frutas e Suas Preparações	79.970	93.220	16,57	1,50	-3,70
Sisal e Derivados	53.211	49.341	-7,27	0,79	-0,91
Couros e Peles	37.056	43.329	16,93	0,69	20,29
Calçados e Suas Partes	16.517	35.339	113,96	0,57	11,54
Carne e Miudezas de Aves	13.677	26.478	93,60	0,42	29,70
Automotivo	75.613	21.865	-71,08	0,35	-5,70
Fumo e Derivados	20.507	14.875	-27,46	0,24	-18,62
Demais Segmentos	37.238	66.431	78,39	1,07	90,37
Total	4.957.476	6.235.182	25,77	100,00	34,00

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/09/2021.

Elaboração: SEI.

mais movimentados dos EUA avaliam que o congestionamento de navios continuará ao longo de 2022, com fabricantes e varejistas buscando repor os estoques esgotados. O congestionamento nos portos contribui para a escassez mundial de contêineres e para o aumento dos custos do frete marítimo. Os portos são um dos muitos gargalos nas cadeias globais de suprimentos, com os navios cheios de produtos de consumo e também de insumos para as fábricas.

Ainda assim, os setores da indústria baiana mais ligados ao comportamento da economia mundial registram incremento até agosto, como o químico (41,7%), a metalurgia (25,8%), e o de borracha e suas obras (61,6%), a maioria beneficiados pela alta dos preços no mercado internacional.

Desde abril, as vendas de produtos manufaturados têm tido ritmo constante de expansão, o que é notável devido aos muitos empecilhos ainda no caminho das vendas da indústria, como a mencionada disparada dos fretes, dificuldade de conseguir despachar produtos em contêineres e escassez de insumos que ainda persiste em alguns segmentos. O câmbio desvalorizado também tem ajudado.

A China permanece liderando como principal mercado para as vendas externas do estado com 29,3% de participação no ano e crescimento de 33,2%. É seguida agora pelos EUA, que retomaram a vice-liderança com 11,5% de participação e crescimento de 32,4% nas compras, e por Singapura com 11% de participação e recuo de 13,7%.

As importações baianas foram de US\$ 621,8 milhões em agosto, com alta de 102,3% em comparação ao mesmo mês de 2020. No acumulado do ano, as importações somaram US\$ 4,84 bilhões, com crescimento de 56,7%. Apesar do efeito da base baixa de comparação, a maior demanda por bens importados acontece tanto pela compra maior de combustíveis como pela recomposição de estoques pela indústria, em um ambiente de escassez interna de suprimentos e de reação ainda moderada na atividade econômica.

Com o aumento do despacho termelétrico devido à crise hídrica, as compras de GNL – gás natural liquefeito, já cresceram 609% até agosto, atingindo US\$ 471,2 milhões. O balanço entre a oferta e a demanda de gás natural deve viver sob forte estresse nos próximos meses. Devido a fatores tanto conjunturais quanto estruturais, pode não haver gás para todas as usinas, mesmo ante os recordes de importação do produto pela Petrobrás.

A crise hídrica pode gerar maior importação de energia. Se as bacias hidrográficas permanecerem em baixa, isso pode afetar a retomada da economia como um todo, diminuindo a capacidade de absorção interna. Isso, em tese, porque podemos também ter mais consumo com menos produção doméstica, o que resultaria em mais importação.

As compras dos bens intermediários, que até agosto avançaram 42,1%, foram impulsionadas pelas compras de minério de cobre, com aumento de 53,2%, cacau em grão (46%), óleos de palmiste (106%), fertilizantes (46,2%) e grafita artificial (26%).

Os bens de consumo também registraram crescimento de 23,1%, principalmente de células solares em módulos ou painéis (919%) e fritadoras eletrotérmicas (212%). Isso vem acontecendo mesmo com câmbio depreciado, porque o desabastecimento também contribuiu para elevar preços no mercado interno.

Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-ago. 2020/2021

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2020	2021	Var. %	Part. %
Bens intermediários	1.811.807	2.575.026	42,12	53,23
Combustíveis e lubrificantes	687.646	1.784.318	159,48	36,89
Bens de capital	460.312	325.775	-29,23	6,73
Bens de consumo duráveis	58.854	80.382	36,58	1,66
Bens de consumo não duráveis	64.668	71.650	10,80	1,48
Bens não especificados anteriormente	3.073	2	-99,94	0,00
Total	3.086.360	4.837.153	56,73	100,00

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/09/2021.

Elaboração: SEI.

OBS.: importações efetivas, dados preliminares.

A corrente de comércio do estado, que demonstra o grau de integração da economia ao fluxo internacional, avançou 37,6% até agosto, totalizando US\$ 11,1 bilhões. Esse indicador é considerado importante, porque mede o dinamismo do comércio exterior do estado, bem como sua contribuição para o ritmo da atividade econômica. Já o saldo comercial do estado no período chegou a US\$ 1,4 bilhão, resultado 25,3% inferior a igual período de 2020, resultado do avanço, este ano, proporcionalmente maior das importações.



SECRETARIA DO
PLANEJAMENTO

